

SERÁ QUE ZRONGA É UMA LÍNGUA *PRO-DROP*?

Ernesto Mário Dimande¹

Resumo: Neste artigo cujo título é “Será que zronga é uma língua *pro-drop*?”, fazemos uma análise paramétrica do sujeito nulo desta Língua Bantu, integrada no grupo *Tswa-Ronga* (S50), juntamente com Xichangana (S53) e Citshwa (S51), com o objetivo de determinar, com base em evidências empíricas, se zronga é ou não é uma língua *pro-drop*; averiguar se a língua em estudo possui uma morfologia verbal capaz de permitir a interpretação de sujeitos expletivos e explicitar o comportamento dos verbos climáticos em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Teoricamente, a análise de dados está ancorada na Teoria de Princípios e Parâmetros, proposta por Chomsky (1981). Originalmente, a língua em estudo é falada na zona sul de Moçambique, especificamente na Província de Maputo e Cidade de Maputo, por 58 486 pessoas. Resumidamente, a análise de dados recolhidos através de um questionário estruturado escrito e administrado a 20 falantes nativos das 4 variantes da língua zronga sugere que esta língua enquadra-se no grupo de línguas *pro-drop*. Esta conclusão justifica-se pelo facto de o seu paradigma morfológico verbal ser diversificado, o que permite interpretar os sujeitos expletivos em todos os contextos.

Palavras-chave: Sujeito; Língua zronga; Línguas *pro-drop*.

Introdução

Um dos termos essenciais de uma oração, segundo Mateus *et al.* (2003) e Cunha e Cintra (2007), é o sujeito. A relevância deste elemento na estruturação da frase reside no fato de ser ele que desencadeia a concordância verbal (CV)², na construção de enunciados gramaticalmente corretos. Nesse processo sintático, verifica-se a transferência de determinados traços do controlador, como por exemplo, de número (singular/plural) e de género (masculino/feminino), a outras unidades lexicais (alvos) que constituem a frase. A sinalização destes traços é

1 Doutor em Linguística Teórica. Professor no Departamento de Linguística e Literatura, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais – FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane. E-mail: dimande40@gmail.com

2 Lista de abreviaturas: CN – classe nominal; CV – concordância verbal; Fut – futuro; Loc. – locativo; LB – línguas bantu; LSN – línguas de sujeito nulo; LSP – línguas de sujeito pleno; MCS – marca de concordância de sujeito; PB – português de Brasil; PE – português europeu; Pas – passiva; PD – prefixo dependente; PN – prefixo nominal; VF – vogal final.

formalmente feita através de determinados morfemas que na literatura linguística são denominados por marcas de concordância.

Apesar de o sujeito gramatical ser um elemento essencial na estruturação de construções, em algumas línguas, como por exemplo Português, este elemento sintáctico pode lexicalmente não estar expresso, sem, contudo, resultar na agramaticalidade.

Considerando o parâmetro de realização do sujeito, Chomsky (1981) subdivide as línguas naturais em dois grupos distintos, a saber: *i.* línguas *pro-drop* [+*pro-drop*] e *ii.* línguas não *pro-drop* [-*pro-drop*]. Estes grupos diferem pelo fato de as línguas + *pro-drop* permitirem a não realização lexical do sujeito, enquanto que as - *pro-drop* exigem que o sujeito seja lexicalmente realizado, visto que a sua ausência resulta na agramaticalidade da construção. No que concerne às línguas do grupo bantu, especificamente zronga,³ esta proposta de Chomsky (1981) suscita várias inquietações, entre as quais: *i.* será que zronga é uma língua *pro-drop*?; *ii.* Será que esta língua possui um paradigma morfológico verbal capaz de permitir a interpretação de sujeitos expletivos e *iii.* como se comportam os verbos climáticos em relação ao parâmetro linguístico em análise?

Guiando-se pelas perguntas formuladas no parágrafo precedente e, sobretudo por aquela que dá título ao presente artigo, pretendemos fundamentalmente efetuar uma análise paramétrica do sujeito nulo em zronga, com o objectivo de determinar, com base em evidências empíricas, se zronga é ou não é uma língua *pro-drop*; averiguar se a língua em estudo possui uma morfologia verbal capaz de permitir a interpretação de sujeitos expletivos e explicitar o comportamento dos verbos climáticos em relação ao parâmetro em estudo. Para o alcance destes objectivos, recorreremos ao método de pesquisa bibliográfica. A consulta de vários materiais, entre os quais, Chomsky (1981), Duarte (1993), Quarezemin (2006), Marins (2009) e Veríssimo (2017) permitiu, por um lado, compreender o comportamento de línguas como português (variantes europeia e brasileira), inglês, espanhol e italiano em relação ao parâmetro de sujeito nulo e, por outro lado, o refinamento que o mesmo vem sofrendo ao longo do tempo, com o estudo de outras línguas naturais.

Para além dos aspectos mencionados, a revisão de literatura também permitiu compreender que variantes dialectais de uma determinada língua podem registar mudanças, ao longo do tempo. A título de exemplo, Silva (2007), baseando de pesquisa recentes, entre os quais, de Duarte (1993) e Kato e Duarte (2003), defende que comparativamente ao português europeu (PE) que se mantém como língua de sujeito nulo (LSN), o português brasileiro (PB) regista “mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo (de uma língua [+ sujeito nulo] para uma língua [- sujeito nulo]) como consequência de reduções nos paradigmas pronominal e flexional” (SILVA, 2007, p. 45).

3 Neste artigo, adotamos a ortografia padronizada por Ngunga *et al.* (2011).

O *corpus* que suporta a análise aqui avançada foi constituído a partir de um questionário estruturado, administrado a um universo de 20 falantes nativos das 4 variantes da língua zronga, entre os quais, 8 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. O pressuposto por detrás da inclusão de todas as variantes da língua zronga repousa no pressuposto de que a língua como sistema semiótico está condicionada à variação diastrática (social) e diatópica (regional ou geográfica). Nessa perspectiva, ao acautelar estas variações é imprescindível na medida em que permite obter conclusões consistentes, que reflitam o estágio actual da língua zronga.

De forma resumida, a participação dos informantes que constituem a amostra consistiu na construção de enunciados a partir dos pronomes, nomes de diferentes classes nominais (CN) e verbos climáticos previamente selecionados. Posteriormente, omitimos os sujeitos gramaticais das construções produzidas e as submetemos a outro grupo de informantes, para efeitos de julgamento da gramaticalidade, tendo em conta a não realização fonética deste elemento sintáctico.

O arcabouço teórico que suporta a análise é a Teoria de Princípios e Parâmetros, proposto por Chomsky (1981). Nessa teoria, o autor postula que a Gramática Universal é constituída por num conjunto de princípios rígidos, ou seja, leis gerais a que todas as línguas humanas devem obedecer e, de parâmetros, cujo valor final é atingido por meio da fixação de uma das duas opções (+ ou -). Nessa perspectiva, o sujeito constitui categoria gramatical universal, podendo realizar-se ou não, tendo em conta as especificidades de cada língua.

Em termos estruturais, organizamos o artigo em 5 seções. Esta introdução faz parte da primeira seção, onde para além de contextualizarmos o fenómeno em estudo, apresentamos os objectivos e os procedimentos metodológicos que adoptamos durante a pesquisa. Na seção 2, descrevemos a língua zronga. Na seção 3, fazemos a revisão de literatura sobre o sujeito *pro-drop* nas línguas naturais. Na seção 4, analisamos, com base nos dados empíricos recolhidos, o parâmetro do sujeito nulo na língua zronga. Por fim, temos a seção 5, dedicada às considerações finais, onde destacamos os aspectos mais importantes da nossa pesquisa.

1 Elementos da língua zronga

1.1 Grupo linguístico e variantes dialectais

De acordo com Ngunga e Faquir (2012), Zronga (S54) na classificação de Guthrie (1967-1971), é uma língua bantu (LB) integrada no grupo *Tswa-Ronga* (S50), juntamente com outras 2 línguas, designadamente changana (S53) e tshwa (S51). Essas 3 línguas caracterizam-se por uma inteligibilidade mútua (CONCEIÇÃO, 1999; SITOE; NGUNGA, 2000; NGUNGA; FAQUIR, 2012), o que significa que, o falante de uma delas, geralmente fala ou compreende as outras línguas do grupo. Todavia, em termos comparativos, Conceição (1999) esclarece que a língua com que Zronga estabelece maior grau de inteligibilidade é changana, não obstante existirem termos específicos para cada língua, conforme documenta o quadro comparativo a seguir:

Quadro 1: Grau de inteligibilidade entre as línguas do grupo *Tswa-Ronga* (S50).

#	Línguas do grupo Tswa-Ronga (S50)			Glossas
	Zronga (S54)	Changana (S53)	Tshwa (S51)	
1	<i>svifámbú</i>	<i>tinqathula</i>	<i>zvilatu</i>	‘sapatos’
2	<i>xilembe</i>	<i>xigqoko</i>	<i>cihuku</i>	‘chapéu’
3	<i>xifényó</i>	<i>Xifényó</i>	<i>cifenyu</i>	‘pente’
4	<i>mhunu</i>	<i>Munhu</i>	<i>munhu</i>	‘pessoa’
5	<i>lidrímí</i>	<i>Rirímí</i>	<i>lirimi</i>	‘língua’
6	<i>tatáná</i>	<i>b’ava</i>	<i>raru/dhadhani</i>	‘pai’
7	<i>kutrálá</i>	<i>Kutsálá</i>	<i>kutsala</i>	‘escrever’
8	<i>kusvéká</i>	<i>Kusvéká</i>	<i>kubhika</i>	‘cozinhar’
9	<i>kubúyá</i>	<i>Kuvúyá</i>	<i>kuwuya</i>	‘vir’
10	<i>kuyambala</i>	<i>Kugqoka</i>	<i>kuambala</i>	‘vestir’

Fonte: elaboração própria.

Analisando o Quadro 1 constatamos que em termos globais, as três línguas do grupo *Tswa-Ronga* (S50) apresentam uma certa similaridade para os referentes de pente, pessoa, língua e escrever, o que sustenta a inteligibilidade mútua já referida. Entretanto, comparando especificamente zronga e changana, verificamos que apesar de os falantes usarem termos diferentes para designarem os referentes de sapatos, chapéu e pai, para os restantes casos, os termos usados são claramente próximos ou iguais. Por isso, concordamos com Conceição (1999) quando em termos de inteligibilidade, defende que a língua mais próxima de zronga é changana.

A língua zronga é falada na região sul de Moçambique, concretamente na Província de Maputo (distritos de Manhiça, Marracuene, Matola, Boane, Namaacha, Matutuíne e Moamba) e Cidade de Maputo (distritos municipais de *KaMpfumo*, *Nlhamankulu*, *KaMaxakeni*, *KaMavota*, *KaMubukwana*, *KaTembe* e *KaNyaka*) (SITOE; NGUNGA, 2000; NGUNGA; FAQUIR, 2012). Estes autores acrescentam que para além destas regiões, ela é também falada nas províncias de Gaza e Inhambane. Entretanto, Ngunga; Faquir (2012) acrescentam que os limites da língua ronga extravasam o traçado fronteiriço moçambicano para outros países da África Austral, designadamente: República do Zimbábue (zona meridional) e República da África do Sul (Província de Transvaal). Concordando com estes autores, Chambo *et al.* (2020) acrescentam que ela é igualmente falada no Reino de Eswatini. Este perfil transfronteiriço da língua em estudo resulta do processo da delimitação de fronteiras africanas, no período colonial, no contexto das decisões tomadas na Conferência de Berlim, realizada em Berlim (Alemanha), de 15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885. É que, como se sabe, a partilha de África pelas

potências europeias foi feita à margem da geografia das comunidades linguísticas africanas, o que resultou na divisão de tribos em diferentes estados.

Como sucede com qualquer língua natural, a língua zronga também apresenta variações dialectais, tendo em conta as regiões onde é falada. Assim, em Moçambique, a literatura reconhece a existência de 4 variantes dialectais, conforme o quadro que a seguir apresentamos:

Quadro 2: Variantes dialectais da língua zronga.

#	Variante dialectal	Local onde é falada
1	<i>Xikalanga (Xilwandle)</i>	Distrito da Manhiça
2	<i>Xinondzrwana</i>	Distritos de Maracuene e Boane e Cidades de Maputo, Matola
3	<i>Xizingili (Xiputsru)</i>	De Ponta de Ouro à Catembe e Ilha de Inhaca
4	<i>Xihlanganu</i>	Distritos de Moamba e Namaacha.

Fonte: elaboração própria.

Conforme o Quadro 2, as variantes da língua zronga são: *xikalanga (xilwandle* ou *xintimana)*, falada no Distrito da Manhiça; *xinondzrwana*, falada em Maracuene, Maputo, Matola e Boane; *xizingili* (ou *xiputsru*) falada na região que se estende de Ponta de Ouro à Catembe, incluindo a Ilha de Inhaca e *xihlanganu*, falada em Moamba e Namaacha.

Nesta seção apresentamos alguns elementos da língua em estudo, como forma de garantir a compreensão do tema em estudo. Entre os vários aspectos abordados, destacamos o grupo linguístico a que ela pertence, a sua localização geográfica e as suas variantes diatópicas. Esta caracterização continua na seção que se segue, sobre a distribuição de nomes em CNs.

1.2 Organização de nomes em classes nominais

Como se sabe, “a organização de nomes em classes em bantu tem, historicamente, uma base semântica” (NGUNGA, 2014, p. 127). Ou seja, os nomes das LB, incluindo os empréstimos, estão distribuídos em CNs, em função do significado e dos prefixos nominais (PNs). Esta característica também se regista na língua zronga, conforme demonstraremos.

Ao nível da Linguística Bantu, uma CN constitui “*sets of nouns that trigger the same agreement pattern*” (VAN DE VELDE, 2019, p. 238). Na mesma linha, Ngunga (2014) já definia CN como um “conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância” (NGUNGA, 2014, p. 122).

Apesar de o critério de distribuição de nomes em CNs manifestar-se em todas LB, o número de CNs regista uma variação interlinguística (CANONICI, 1991), por conta de fatores evolutivos das línguas. Assim, Canonici (1991) considera que

enquanto em algumas línguas, determinadas CNs são ativas, em outras, estão desativadas. Entretanto, apesar desta variação, “*It is accepted that most languages have a minimum of 10 and a maximum of 19 or 20 classes*” (CANONICI, 1991, p. 74), sendo que, para o caso de zronga, a literatura disponível reconhece a existência de 13 CNs, conforme o quadro que a seguir apresentamos:

Quadro 3: Classes nominais da língua zronga.

CN	Prefixos	Orientação semântica	Exemplos
1	<i>mù-</i>	seres vivos humanos, principalmente	<i>mu-yivi</i> ‘ladroão’
2	<i>và-</i>		<i>va-yivi</i> ‘ladroões’
3	<i>mù-</i>	plantas, predominantemente	<i>m-bomu</i> ‘limoeiro’
4	<i>mi-</i>		<i>mi-mbomu</i> ‘limoeiros’
5	<i>li-</i>	animais e frutos, sobretudo	<i>lindrín’wana</i> ‘dialeto’
6	<i>mà-</i>		<i>mandrín’wana</i> ‘dialeto(s)’
7	<i>xì-</i>	coisas, basicamente	<i>xì-siwana</i> ‘pobre’
8	<i>svi-</i>		<i>svi-siwana</i> ‘pobres’
9	<i>(yi)N-</i>	alguns seres do reino animal, e outros	<i>m-bongolo</i> ‘burro’
10	<i>ti(N)-</i>		<i>tì-mbongolo</i> ‘burros’
11	<i>li-</i>	coisas longas, principalmente	<i>li-sima</i> ‘importância’
14	<i>vù-/wù-</i>	substâncias e abstractos	<i>wu-tivi</i> ‘saber’
15	<i>kù-</i>	nomes verbais; infinitive verbal	<i>ku-dondra</i> ‘capinar’

Fonte: elaboração própria.

No quadro apresentado as CNs, os PNs e os respectivos exemplos ilustrativos, tendo em conta o significado dos nomes que mais abundam em cada uma das classes. Como podemos observar, na língua zronga existem 13 CNs, das quais, de 1 a 10 organizam-se aos pares, sendo que, as classes 2, 4, 6, 8 e 10 constituem o plural das classes 1, 3, 5, 7 e 9, respectivamente. Particularmente, a classe 11 faz plural através da classe 10.

As formas básicas dos PNs das classes 1, 3, 5 e 9 realizam-se de diferentes formas, “devido à natureza dos segmentos vizinhos” (NGUNGA, 2014, p. 127), conforme ilustram os exemplos que a seguir apresentamos:

Classe 1

- 1a. *n’wáhuva/van’wáhuva* ‘mexoeira(s)’
ntúkúlú/vantúkúlú ‘neto(s)’
ønúná/vanúná ‘marido(s)’

Classe 3

- 1b. *n'wálá/min'wálá* ‘unha(s)’
nsinya/misinya ‘árvores(s)’
ønúlu/minúlu ‘certa(s) árvore(s) espinhosa(s)’

Classe 5

- 1c. *øphólisa/maphólisa* ‘polícia(s)’
øtíhló/matíhló ‘olho(s)’
øvókó/maókó ‘mao(s)’

Classe 9

- 1d. *mbita/timbita* ‘panela(s) de barro’
ndota/tindota ‘conselheiro(s)’
øhavu/tihavu ‘macaco(s)’

Analisando os exemplos acima verificamos que em (1a-b), o PN *mu-*, das CNs 1 e 3 pode realizar-se de 3 formas: *n'w-*, *n-* e *ø*. O PN *ø* ocorre também nos nomes da classe 5, conforme os exemplos em (1c). Aliás, Dimande e Chimbutane (2021) mostram que este prefixo ocorre na maior parte dos nomes desta classe. Em (1d) constatamos que para além do prefixo *ø*, o prefixo *(yi)N-*, CN 9, pode realizar em *m-* ou *n-*.

Em termos semânticos, é preciso explicar que apesar de cada um dos exemplos apresentados estar alinhado com o significado nos nomes que mais abundam em cada classe, é inegável que em cada uma das 13 CNs existem nomes semanticamente “deslocados”. Sobre este aspecto, é preciso lembrar que Ngunga (2014) já defendia que nas LB “são praticamente inexistentes as classes em que se encontram nomes que são exclusivamente da mesma categoria semântica” (NGUNGA, 2014, p. 127). A título de exemplo, na língua em estudo temos os nomes *mpóhlo/mi-mpóhlo* ‘moço(s) bonito(s)’; *øjaha/majaha* ‘rapaz(es)’; *xiduhati/sviduhati* ‘velho(s)’ e *nghwavana/tinghwavana* ‘prostituta(os)’ que apesar designarem seres humanos, não estão nas classes 1 e 2, mas sim, nas classes 3 e 4, 5 e 6, 7 e 8 e 9 e 10, respectivamente. Aliás, é preciso destacar que, mesmo as CNs 1 e 2 reservadas aos seres humanos, também albergam nomes de significados desajustados, como por exemplo, *mahulwána/vamahulwána* ‘curiango(s)’; *n'wábola/van'wábola* ‘certo(s) arbustro(s) trepador(es), com espinhos grandes’; *n'wáhuva/van'wáhuva* ‘mexoeira(s), painço(s), milho miúdo’; *ncwale/vancwale* ‘lontra(s)’; *n'wankolela* ‘enguia(s), congro(s)’ e *n'wántrángántrángá* ‘certo(s) pássaro(s)’.

A existência de nomes de significados diferentes em uma determinada classe também pode ser revista em Dimande e Chimbutane (2022), que na pesquisa do prefixo da classe 5, concluíram que esta classe “alberga uma diversidade semântica de nomes, incluindo nomes de seres humanos, animais irracionais, partes do corpo humano e de animais, frutos, medidas de tempo, derivados verbais que

exprimem modo ou maneira, objetos, doenças e meios de transporte” (DIMANDE; CHIMBUTANE, 2022, p. 879). É por isso que concordamos com Ngunga (2014), quando propõe que a única forma de acautelar este caos em termos de significados é o uso de advérbios de modo, no caso vertente, “principalmente”, “predominantemente”, “sobretudo” e “basicamente”, dando conta do significado dos nomes que mais abundam em uma determinada CN.

As 13 CNs que afirmamos que existem na língua em estudo resultam do fato de as classes diminutivas 12, 13 e as classes locativas 16, 17 e 18 não serem produtivas, conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

2a.	<i>mhunu</i>	‘pessoa’	(cl.1) >	<i>*kamhunu</i>	<i>*tumhunu</i>	
b.	<i>movha</i>	‘carro’	(cl.3) >	<i>*kamovha</i>	<i>*tumovha</i>	
c.	<i>tuva</i>	‘pombo’	(cl.5) >	<i>*katuva</i>	<i>*tutuva</i>	
d.	<i>xipixi</i>	‘gato’	(cl.7) >	<i>*kapixi</i>	<i>*tipixi</i>	
e.	<i>mbilu</i>	‘coração’	(cl.9) >	<i>*kambilu</i>	<i>*tumbilu</i>	
f.	<i>likuku</i>	‘esteira’	(cl.11) >	<i>*kalikuku</i>	<i>*tulikuku</i>	
g.	<i>wulombe</i>	‘açúcar’	(cl.14) >	<i>*kawulombe</i>	<i>*tuwulome</i>	
h.	<i>kuda</i>	‘comer’	(cl.15) >	<i>*kakuda</i>	<i>*tukuda</i>	
3a.	<i>mhunu</i>	‘pessoa’	(cl.1) >	<i>*hamhunu</i>	<i>*kumhunu</i>	<i>*mumhunu</i>
b.	<i>movha</i>	‘carro’	(cl.3) >	<i>*hamovha</i>	<i>*kumovha</i>	<i>*mumovha</i>
c.	<i>tuva</i>	‘pombo’	(cl.5) >	<i>*hatuva</i>	<i>*kutuva</i>	<i>*mutu</i>
d.	<i>xipixi</i>	‘gato’	(cl.7) >	<i>*haxipixi</i>	<i>*kuxipixi</i>	<i>*muxipixi</i>
e.	<i>mbilu</i>	‘coração’	(cl.9) >	<i>*hambilu</i>	<i>*kumbilu</i>	<i>*mumbilu</i>
f.	<i>likuku</i>	‘esteira’	(cl.11) >	<i>*halikuku</i>	<i>*kulikuku</i>	<i>*mulikuku</i>
g.	<i>wulombe</i>	‘açúcar’	(cl.14) >	<i>*halombe</i>	<i>*kuwulome</i>	<i>*muwulombe</i>
h.	<i>kuda</i>	‘comer’	(cl.15) >	<i>*hakuda</i>	<i>*kukuda</i>	<i>*mukuda</i>

Conforme ilustram os exemplos acima apresentados, tanto a prefixação dos tradicionais prefixos diminutivos *ka-* e *tu-*, classes 12 e 13 respectivamente, quanto dos locativos *ha-*, classe 16; *ku-* classe 17 e *mu-* (classe 18), resulta em formas irreconhecíveis para os falantes nativos de zronga. Perante essa constatação, a pergunta que se coloca é, “como os falantes desta língua realizam a diminutivização e a locativização morfológicas?”. Para responder esta questão, analisemos os exemplos que se seguem:

4a.	<i>mhunu</i>	‘pessoa’	(cl.1) >	<i>xi-/svimhun’wana</i>	‘pessoa pequena’
b.	<i>movha</i>	‘carro’	(cl.3) >	<i>xi-/svimovhana</i>	‘carropequeno’
c.	<i>tuva</i>	‘pombo’	(cl.5) >	<i>xi-/svituvana</i>	‘pombinho(s)’
d.	<i>xipixi</i>	‘gato’	(cl.7) >	<i>xi-/svipixana</i>	‘gatinho(s)’
e.	<i>huku</i>	‘galinha’	(cl.9) >	<i>xi-/svihukwana</i>	‘pinto(s)’
f.	<i>likuku</i>	‘esteira’	(cl.11) >	<i>xi-/svikukwana</i>	‘esteirinha(s)’

g.	<i>wulombe</i>	‘açúcar’	(cl.14)	>	<i>xi-/svilombana</i>	‘poucoaçúcar’
h.	<i>kuda</i>	‘comer’	(cl.15)	>	<i>kudanyana</i>	‘comer um pouco’
5a.	<i>movha</i>	‘carro’	(cl.3)	>	<i>movheni</i>	‘no carro’
b.	<i>tiva</i>	‘lagoa’	(cl.5)	>	<i>tiveni</i>	‘na lagoa’
c.	<i>xipixi</i>	‘gato’	(cl.7)	>	<i>xipixeni</i>	‘no gato’
d.	<i>huku</i>	‘galinha’	(cl.9)	>	<i>hukwini</i>	‘no galinheiro’
e.	<i>likuku</i>	‘esteira’	(cl.11)	>	<i>likukwini</i>	‘na espeira’
f.	<i>kuda</i>	‘comer’	(cl.15)	>	<i>kudeni</i>	‘onde se come’

Em resposta à pergunta formulada no parágrafo precedente, os exemplos em (4) e (5) mostram que na língua zronga, a diminutivização e a locativização morfológicas realizam-se através da afixação do morfema descontínuo *xi-...-ana* e do sufixo *-ini*, respectivamente. Note-se que na locativização, a sufixação deste último morfema desencadeia um conjunto de processos fonológicos, como por exemplo, a elisão e a semivocalização, devido à necessidade de resolução de hiato resultante do encontro entre a vogal final (VF) do nome e a vogal inicial do sufixo locativo.

A discussão do sistema de CNs da língua ronga neste trabalho especificamente dedicado à análise paramétrica do sujeito nulo até pode parecer desnecessário. Entretanto, este exercício é indispensável na medida em que nas LB, o sistema de concordância sintáctica está intimamente ligado às CNs, como mostram os exemplos que se seguem:

6a.	<i>Xi-siwana</i>	<i>xi-f-ile.</i>	b.	<i>Svi-siwana</i>	<i>svi-f-ile.</i>
	7-pobre	8.MCS-morrer-Pass		8-pobres	8.MCS-morrer-Pass
	‘O pobre morreu.’			‘Os pobres morreram.’	

Em termos sintácticos, os exemplos em (6) mostram que realmente, a seleção da marca de concordância de sujeito (MCS) é feita em função da CN do núcleo do sintagma nominal. Assim, em (6a) constatamos que como *xisiwana* ‘pobre’, o núcleo sujeito, é da classe 7, a MCS é *xi-*, prefixada ao verbo *-f-* ‘morrer’. Contrariamente, em (6b) verificamos que a mudança da CN do núcleo para 8, automaticamente implica também que a MCS passe a ser *svi-*, da classe 8. Na literatura, este fenómeno é designado por concordância aliterativa, visto que os prefixos das CNs 7 e 8 são literalmente copiados aos alvos.

O que se pode inferir a partir dos exemplos acima analisados é que a discussão das CNs da língua zronga é importante na medida em que, as CNs “*are at the heart of an extensive system of concord (i.e., agreement) in Bantu*” (KATAMBA, 2003, p. 111). Assim, este exame fornece subsídios que permitem compreender o comportamento desta língua em relação ao parâmetro em estudo. Por isso, no quadro que se segue, resumimos as marcas de concordância seleccionadas por diferentes CNs:

Quadro 4: Marcas de concordância sintáctica na língua rongá.

CN	PI	PD	Objecto	Possessivo	Pronome	Numeral
1	mù-	á-	-mù-	va-	Yene	mù-
2	và-	vá-	-và-	mu-	Vone	và-
3	mù-	wú-	-mù-	mi-	Wone	wù-
4	mi-	yi-	-mi-	li-	Yone	yi-
5	li-	drí-	-li-	ma-	Drone	drì-
6	mà-	má-	-mà-	xi-	Wone	mà-
7	xí-	xí-	-xí-	svi-	Xone	xì-
8	svi-	sví-	-svi-	(yi)N-	Svone	svì-
9	(yi)N-	yí-	-yí-	ti(N)-	Yone	yìn-
10	ti(N)-	tí-	-tí-	li-	Tone	tìn-
11	li-	drí-	-drí-	vu-/wu-	Drone	drì-
14	vù-/wù-	drí-	-drí-	va-	Drone	drì-
15	kù-	kú-/sví-	-kú-/sví-	mu-	Kone	kú-/sví-

Fonte: elaboração própria.

Depois dessas duas seções especificamente dedicadas à contextualização e descrição língua rongá, na seção que se segue apresentamos o estado de arte sobre o parâmetro *pro-drop* nas línguas naturais.

2 O parâmetro *pro-drop* nas línguas naturais

Para uma melhor discussão do parâmetro *pro-drop* na língua zrongá, consideramos imprescindível, primeiro, ter claro os conceitos de sujeito, parâmetro *pro-drop* e, sobretudo, identificar as propriedades comuns das línguas de sujeito nulo. A clarificação destes conceitos e do comportamento sintáctico das línguas enquadradas neste parâmetro é importante na medida em que garante a sua operacionalização, na fase de análise de dados.

Uma análise minuciosa das gramáticas prescritivas e outros materiais relevantes sobre a gramática da língua portuguesa, entre os quais, Mateus *et al.* (2003); Cunha e Cintra (2007); Rocha Lima (2011); Kantchack (2012); Azevedo, Pinto e Lopes (2012) e Bechara (2015), permite concluir que sobre a definição do sujeito gramatical não há consenso. A divergência resulta fundamentalmente do fato de esta categoria gramatical ser definida com base em diferentes critérios linguísticos, a saber: *i.* critério semântico, quando se diz que o sujeito é o elemento que exerce ou sofre a acção expressa pelo verbo; *iii.* critério discursivo ou informacional, na qual se defende que o sujeito é o termo sobre o qual se faz alguma declaração e *iii.* critério sintáctico, quando o sujeito é definido como o termo com o qual o

verbo concorda em número e pessoa. Considerando que a adoção destes 3 critérios resulta em definições diferentes, importa destacar que neste artigo preferimos adotar este último critério.

Seguindo o critério sintático, Mateus *et al.* (2003) defendem que relativamente ao processo de controlo dos processos sintáticos, o sujeito gramatical é um elemento muito importante na medida que constitui, por um lado, “controlador categórico da concordância verbal” e, por outro lado, “controlador preferencial da anáfora frásica” (MATEUS *et al.*, 2003, p. 282).

Tendo em conta a possibilidade de realização do sujeito, Mateus *et al.* (2003) e Azevedo, Pinto e Lopes (2012) defendem que este pode estar expresso, podendo ser simples, (um só núcleo) ou composto (mais de um núcleo), ou nulo, nos contextos em que não está expresso. Nessa linha de pensamento, o sujeito nulo, o foco deste artigo, é definido como “uma interpretação de sujeitos referenciais (i.e. definidos) em sentenças finitas e declarativas nas quais um pronome, sintagma nominal ou expressão referencial não estariam realizados foneticamente, com a posição de sujeito permanecendo vazia” (VERÍSSIMO, 2017, p. 77). Este tipo de sujeito, de acordo com estes e outros gramáticos, apresenta 3 variantes, designadamente: *i.* subentendido (oculto), quando não está materialmente expresso na sentença, mas podendo, entretanto, ser identificado através de desinências verbais; *ii.* indeterminado, quando não há condições de especificar a que elemento o verbo está se referindo e, *iii.* expletivo, nos contextos em que é inexistente.

Sobre a génese do parâmetro *pro-drop*, a literatura reconhece que o embrião da ideia de um de sujeito nulo é, de acordo com Holmberg e Roberts (2009), atribuído aos estudos de Perlmutter (1971). Para estes autores, poderá ter sido Perlmutter (1971) o primeiro a descrever, sem nomear explicitamente, um princípio geral para explicar a existência de línguas naturais nas quais foneticamente o sujeito poderia não estar realizado (nulo), sem, contudo, comprometer a gramaticalidade de uma determinada sentença.

Posteriormente ao trabalho de Perlmutter (1971), Chomsky (1981) propõe oficialmente, de acordo com Duarte (1995), o parâmetro de sujeito nulo (parâmetro *pro-drop*), no contexto da Gramática Gerativa, a partir de uma análise comparativa entre o Inglês e as línguas românicas *pro-drop*, para dar conta da propriedade de o sujeito não ser foneticamente realizado, como reflexo de uma suposta “rica” especificação morfológica da concordância verbal. Concordando com Chomsky (1981), Silva (2017) esclarece que esta constatação resulta da riqueza morfológica “que é a responsável pela vinculação de categorias vazias (de tipo anafórico) que ficará na posição de sujeito quando da extração” (SILVA, 2017, p. 192).

Tendo em conta o parâmetro *pro-drop*, Chomsky (1957) citado por Duarte (1993); Quarezemin (2006), Villarinho (2006) e Marins (2009) postulam que as línguas naturais subdividem-se em dois grupos, a saber: (i) línguas de sujeito pleno (LSP) e (ii) LSN. A diferença entre estes dois grupos de línguas reside no fato de nas LSP ser obrigatório preencher, através de material fónico, todos os sujeitos

pronominais das sentenças, independentemente do contexto, enquanto que nas LSN, o sujeito pronominal pode ser nulo, sem, contudo, afetar a gramaticalidade das sentenças. Assim, constituem exemplos de línguas do primeiro grupo, o inglês, o alemão e o francês, e do segundo grupo, o português, o chinês, o italiano e o espanhol, (CHOMSKY, 1957 citado por DUARTE, 1993; MARINS, 2009). Para compreendermos a diferença entre LSP e LSN, analisemos o presente do verbo “comer”, no quadro comparativo que se segue, entre português e inglês:

Quadro 5: Conjugação do verbo comer nas línguas portuguesa e inglesa.

Línguas			
Português		Inglês	
Pronomes pessoais	Conjugação	Pronomes pessoais	Conjugação
Eu	Como	<i>I</i>	<i>eat</i>
Tu	Comes	<i>You</i>	<i>eat</i>
ele/ela	Come	<i>he/she/it</i>	<i>eats</i>
Nos	Comemos	<i>We</i>	<i>eat</i>
Vos	Comeis	<i>You</i>	<i>eat</i>
Eles	Comem	<i>They</i>	<i>eat</i>

Fonte: elaboração própria.

Conforme documenta o quadro, em Inglês, os pronomes absolutos *I* (eu), *you* (tu), *we* (nós), *you* (vocês) e *they* (eles) possuem a mesma forma verbal “*eat*”. Ou seja, estes pronomes não exercem influência na forma verbal. Contrariamente, em Português, os exemplos mostram que cada pronome absoluto possui a sua forma verbal, visto que cada um deles exerce influência na forma verbal, o que permite que mesmo em contextos de sujeito expletivo, através das desinências verbais, seja possível interpretar o respectivo sujeito. É esta constatação que explica que mesmo em uma construção como ‘**comes** manga’, seja possível saber que o sujeito oculto é “tu”, através do morfema desinencial “-es”.

Sobre a língua inglesa, Deus (2011) defende que a igualdade da forma verbal para todos pronomes absolutos faz com que em construções descontextualizadas seja obrigatório indicar o sujeito, sob pena de as desprovidas deste elemento sintáctico serem agramaticais e incomunicáveis, como mostram os exemplos que a seguir apresentamos:

- 7a. *We live in Lisbon.* ‘vivemos em Lisboa.’
 b. **Live in Lisbon*

- 8a. **Rained in Lisbon*
b. *It rained in Lisbon*. ‘Choveu em Lisboa.’

(DEUS, 2011, p. 227)

Como ilustram os exemplos acima, a não realização dos pronomes “*we*” e “*it*” como núcleos de sujeitos, em (7b) e em (8a) respectivamente, torna impossível identificar os sujeitos das formas verbais “*live*” e “*rained*”. Por isso, as construções são consideradas agramaticais.

De acordo com Duarte (1995) e Marins (2009), a não realização de sujeito em algumas línguas não é um fenómeno que ocorre por acaso. Para estes autores, ela está associada à “rica” especificação morfológica do paradigma verbal. Assim, seguindo esta proposta, argumenta-se que “línguas como italiano, que apresentam seis oposições no paradigma flexional do verbo, licenciariam o sujeito nulo, que seria identificado através da desinência de número e pessoa” (MARINS, 2009, p. 7). Entretanto, com o refinamento do princípio *pro-drop*, através de análise de outras línguas constatou-se que a rica morfologia do paradigma verbal não é o único fator que licencia o sujeito nulo, (DUARTE, 1995), visto que o Chinês, uma língua com um paradigma verbal uniforme, desprovido de qualquer tipo de desinência, permite o apagamento e a identificação do sujeito (HUANG, 1984 citado por MARINS, 2009). Nessa perspectiva, Huang, Jaeggli e Safir (1989) citados por Marins (2009) concluem que o sujeito nulo é licenciado pela uniformidade morfológica dos paradigmas verbais. Deste modo, os autores defendem que tanto em línguas cujo paradigma flexional do verbo apresenta formas compostas somente pelo radical do verbo, quanto em línguas cujo paradigma exhibe desinências, o sujeito gramatical pode não se realizar, visto que enquanto no primeiro contexto é codificado pelo tópico discursivo, no segundo, o mesmo é identificado pela morfologia verbal.

Na mesma linha de pensamento apresentado no parágrafo precedente, Jaeggli e Safir (1989) citado por Duarte (1995) clarificam que um paradigma é considerado morfológicamente uniforme se constitui ou de formas derivadas (que podem incluir desinências de número, pessoa, tempo, modo, aspecto, etc., variando de língua para língua) ou de formas não derivadas (constituídas pelo radical apenas).

Analisando o comportamento das línguas de sujeito nulo e especificamente na tentativa de estabelecer a tipologia destes, Roberts e Holmberg (2010) e Holmberg (2010) citados por Zheng (2013) defendem que existe 3 tipos de línguas de sujeito nulo, a saber: *i*. línguas de sujeito nulo consistente; *ii*. línguas de sujeito nulo parcial e *iii*. línguas de *pro-drop* radical (ou línguas de *pro-drop* discursivo). A diferença entre estes tipos, de acordo com os autores, reside no fato de as LSN consistente permitirem generalizadamente a omissão do sujeito nas frases finitas em vários contextos, por possuírem um paradigma flexional complexo, (como sucede com o PE, italiano e o espanhol), enquanto que as LSN parcial, caracterizam-se por não permitirem a omissão do sujeito em frases finitas apenas em algumas estruturas

(tais como aquelas em que ocorrem em sujeitos expletivos), como sucede no português europeu (PB) e finlandês. E por último, as LSN radical, aquelas que são favoráveis à omissão de sujeito nas frases finitas em vários contextos, apesar de serem desprovidos de qualquer marca flexional, como acontece em chinês e em japonês. Concordando com estes linguistas e socorrendo-se dos resultados do projeto desenvolvido em Cambridge desde o início do século XXI, por Teresa Biberauer, Ian Roberts e Anders Holmberg, também na perspectiva de estabelecer uma tipologia clara das LSN, Silva (2017) acrescenta 2 tipos designadamente, *iv.* línguas sem sujeito nulo, em que o sujeito nulo não é admitido, como sucede em Inglês e Francês, por causa do sistema flexional empobrecido e *v.* línguas de sujeito nulo expletivo, em que somente os sujeitos expletivos podem ser nulos, como sucede em alemão e crioulo de Haiti.

De acordo com Duarte (1993), Deus (2011) e Veríssimo (2017), apesar da classificação acima apresentada, entre linguistas, é consensual que as LSN apresentam propriedades comuns que as diferenciam das LSP, designadamente, *i.* a possibilidade de omissão do pronome sujeito em orações finitas; *ii.* a inversão da ordem sujeito-verbo em sentenças simples; *iii.* o Movimento-Qu de sujeito de longa distância; *iv.* os pronomes resumptivos vazios em sentenças encaixadas e *v.* a violação do filtro *that-t*, conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

- | | | |
|------|--|------------|
| 9a. | Ø Parli italiano bravamente | [Italiano] |
| b. | Ø Hablas italiano muy bien | [Espanhol] |
| c. | Ø Falas italiano muito bem | [PE] |
| 10a. | Ha telefonato Carlo a il suo padre | [Italiano] |
| b. | Telefonou o Carlos ao seu pai | [PE] |
| 11a. | Chi <i>i</i> pensi che <u> </u> i viene alla festa? | [Italiano] |
| b. | Quemi você acha que <u> </u> i vem à festa? | [PE/PB] |
| 12a. | Ecco la ragazza che mi domando che possa venire | [Italiano] |
| b. | Essa é a moça que acho que possa vir | [PE/PB] |
| 13a. | Chi <i>i</i> crede che <u> </u> i partirà? | [Italiano] |
| b. | Quemi você acha que <u> </u> i partirá? | [PE/PB] |

(VERÍSSIMO, 2017, p. 78)

Os exemplos acima apresentados ilustram as propriedades das línguas *pro-drop*. Como podemos observar, em (9) constatamos que nas línguas italiana, espanhol e portuguesa (PE) é possível omitir o pronome sujeito em orações finitas. Na mesma linha, em (10) verificamos que no Italiano e no PE é possível inverter

a ordem sujeito-verbo em sentenças simples. Em (11), no Italiano, PE e PB verifica-se o movimento-Qu de sujeito de longa distância. Em (12) constatamos que no Italiano, PB e PE verificam-se os pronomes resumptivos (lembretes) vazios, em sentenças encaixadas e, por último, em (13), onde constatamos que em Italiano e em Português (variantes PB e PE) há violação do filtro *that-t*.

De forma resumida, nesta seção discutimos o conceito de parâmetro *pro-drop*, bem como as propriedades sintáticas das LSN. Assim, na seção que se procura responder às perguntas que guiam a nossa pesquisa, sobretudo a que constitui o título deste artigo.

3 O parâmetro *pro-drop* em zronga

Conforme referimos na seção introdutória, a presente seção é especificamente dedicada à discussão do parâmetro *pro-drop* na língua zronga, com o objectivo de determinar, com base em evidências, se zronga é ou não é uma língua *pro-drop*; averiguar se esta possui uma morfologia verbal capaz de permitir a interpretação de sujeitos expletivos e explicitar o comportamento dos verbos climáticos em relação ao parâmetro em estudo.

Para o alcance dos objectivos acima apresentados, analisamos diferentes contextos de núcleos de sujeito, entre os quais, aqueles em que estes são, por um lado, pronomes absolutos e, por outro lado, nomes de diferentes CNs e verbos meteorológicos. O exame inclui ainda os casos de inversão do sujeito gramatical para a posição pós-verbal. Assim, iniciamos a discussão abordando os pronomes absolutos.

3.1 Pronomes absolutos

14a. <i>Mine</i>	<i>ni-ta-v-a</i>	<i>mu-dondrisi.</i>
1.Pron absol. eu	1.MCS-fut-ser-VF	1-professor
'Eu serei professor.'		
b. [<i>pro</i>] <i>ni-ta-v-a</i>	<i>mu-dondrisi</i>	
1.MCS-fut-ser-VF	1-professor	
'[<i>pro Eu</i>] serei professor.'		
c. *[<i>pro</i>] \emptyset - <i>ta-v-a</i>	<i>mu-dondrisi</i>	
fut-ser-VF	1-Professor	

15a. <i>Hine</i>	<i>hi-ta-v-a</i>	<i>va-dondrisi</i>
1.Pron absol. nós	1.MCS-fut-ser-VF	2-professores
‘Nós seremos professores(as).’		
b. [<i>pro</i>] <i>hi-ta-v-a</i>	<i>va-dondrisi.</i>	
1.MCS-fut-ser-VF	2-professores	
‘seremos professores.’		
c. [<i>pro</i>] *∅- <i>ta-v-a</i>	<i>va-dondrisi.</i>	
fut-ser-VF	2-professores	

Os exemplos acima apresentados ilustram o parâmetro *pro-drop* em sujeitos simples, cujos os núcleos são os pronomes absolutos *mine* ‘eu’ e *hine* ‘nós’. Como podemos observar, cada um destes sujeitos projecta sobre o verbo -v- ‘ser/estar’ a sua marca de concordância, designadamente *ni-* e *hi-*, em (14a) e (15a) respectivamente. Paralelamente a estes dados, em (14b) e (15b) verificamos que a não realização dos sujeitos gramaticais não afeta a gramaticalidade das construções, visto que os mesmos estão mapeados através das marcas já identificadas. Por isso, inferimos que nestes contextos, que a realização do sujeito gramatical é redundante. Esta constatação parece ser válida, visto que em (14c) e (15c), a remoção destas marcas de concordância resulta na agramaticalidade, na medida em que impossibilita a identificação dos argumentos externos. Nessa perspectiva, concordamos com Mchombo (2004), quando refere que nas LB, a incorporação da marca de concordância de sujeito gramatical é de carácter obrigatório, sendo que “*Such obligatoriness is characteristic of grammatical agreement*” (MCHOMBO, 2004, p. 24).

O fenómeno descrito nos exemplos (14) e (15) não se verifica apenas nos contextos em que os núcleos dos sujeitos simples são os pronomes absolutos *mine* ‘eu’ e *hine* ‘nós’, primeiras pessoas do singular e do plural, respectivamente. Efectivamente, o quadro a seguir mostra, através da conjugação do verbo *kudondra* ‘estudar’ no pretérito perfeito, que cada pronome absoluto selecciona a sua marca de concordância:

Quadro 6: Conjugação do verbo *kudondra* ‘estudar’.

Pronomes absolutos	Glossas	Conjugação	Glossas
<i>mine</i>	‘eu’	<i>nidondrile</i>	‘estudei’
<i>wene</i>	‘tu’	<i>udondrile</i>	‘estudastes’
<i>yene</i>	‘ele/ela’	<i>adondrile</i>	‘estudou’

Pronomes absolutos	Glossas	Conjugação	Glossas
<i>hine</i>	‘nós’	<i>hidondrile</i>	‘estudámos’
<i>n’wine</i>	‘vós’	<i>nwidondrile</i>	‘estudastes’
<i>vone</i>	‘eles’	<i>vadondrile</i>	‘estudaram’

Fonte: elaboração própria.

Analisando o quadro, constatamos que o paradigma flexional da língua zronga é bastante complexo, visto que cada pessoa gramatical seleciona a sua marca de concordância. Efectivamente, o quadro mostra que nas três pessoas do singular, temos a marca *ni-* para *mine* ‘eu’; *u-* para *wene* ‘tu’ e *a-* para *yene* ‘ele/ela’. Diferentemente, no plural, temos *hi-* para *hine* ‘nós’; *n’wi-* para *n’wine* ‘vós’ e *va-*, para *vone* ‘eles/elas’.

Os dados até então analisados parece sugerirem que zronga é uma LSN, por conta da sua morfologia verbal complexa, que permite a plena interpretar os sujeitos gramaticais omissos. Entretanto, como nas línguas naturais no geral e especificamente na língua zronga, o pronome absoluto não é o único elemento sintacticamente susceptível de preencher a posição de núcleo de sujeito gramatical, nos exemplos que se seguem analisamos o parâmetro *pro-drop* nos contextos em que os núcleos de sujeitos gramaticais são nomes de diferentes CNs.

3.2 Nomes de diferentes classes nominais

16a. <i>Mariya</i>	<i>a-d-ile</i>	<i>nyama.</i>	‘Maria comeu carne.’
1. Maria	1.MCS-comer-Pass	9. carne	
b. <i>[pro]</i>	<i>a-d-ile</i>	<i>nyama.</i>	‘[ela] comeu carne’
	1.MCS-comer-Pass	9. carne	
c. <i>*[pro]</i>	<i>-d-ile</i>	<i>nyama.</i>	‘[ela] comeu carne’
<i>[ele(a)]</i>	<i>-comer-Pass</i>	9. carne	

17a. <i>Ntombhí</i>	<i>yi-ta-svéká</i>	<i>nyama.</i>	‘A menina cozinhará carne.’	
9.menina	9.MCS-fut-cozinhar-VF	9.carne		
b. [pro]	<i>yi-ta-svék-á</i>	<i>nyama.</i>	‘[ela] cozinhará carne.’	
[ele(a)]	9.MCS-fut-cozinhar-VF	9.carne		
c. * [pro]	<i>-ta-svéká</i>	<i>nyama.</i>		
fut-cozinhar		9.carne		
18a. <i>Mariya</i>	<i>na</i>	<i>Jowana</i>	<i>va-d-ile</i>	<i>nyama.</i>
1.Maria	e	1.Joana	2.MCS-comer-Pass	9.carne
‘Maria e Joana comeram carne.’				
b. [pro]	<i>va-d-ile</i>	<i>nyama.</i>	‘[elas] comeram carne.’	
	2.MCS-comer-Pass	9.carne		
c. [pro]	<i>*-d-ile</i>	<i>nyama</i>		
19a. <i>Xidakwa</i>	<i>ni</i>	<i>ntombhí</i>	<i>va-ta-lw-a.</i>	
7.bêbado	e	9.menina	2.MCS-fut-lutar-VF	
‘O bêbado e a menina lutarão.’				
b. [pro]	<i>va-ta-lw-a.</i>	‘[eles] lutarão.’		
	2.MCS-fut-lutar-VF			
c. [pro]	<i>*-ta-lwa.</i>			

À semelhança do que foi visto na subsecção precedente, os exemplos acima apresentados também ilustram o parâmetro *pro-drop*. Entretanto, estes diferem dos já analisados pelo facto de os núcleos dos seus sujeitos gramaticais não serem pronomes pessoais, mas sim nomes de diferentes CNs. Para além desta diferença, é preciso também assinalar a inclusão de sujeitos complexos. Assim, em (16) temos o núcleo *Mariya* ‘Maria’, nome da classe 1 e, em (17), o *ntombhí* ‘menina’, da classe 9. Já em (18), temos um sujeito complexo cujos núcleos são *Mariya* ‘Maria’ e *Jowana* ‘Joana’, todos da classe 1 e por último, em (19), onde os núcleos são *xidakwa* ‘bêbado’ e *ntombhi* ‘menina’, das classes 7 e 9, respectivamente.

Em cada uma das construções em (16a), (17a), (18a) e (19a), constatamos que os núcleos dos sujeitos simples e complexos projectam as suas marcas de concordância, destacadas a negrito. São estas marcas que fazem com que em (16b); (17b); (18b) e (19b), ainda que as posições dos sujeitos gramaticais estejam vazias, as construções continuem gramaticais, visto que é possível identificar os sujeitos omissos. Esta é a constatação que, mais uma vez, nos faz acreditar que zronga é uma LSN. Entretanto, antes de validarmos esta tese, vejamos se ela admite a inversão de sujeito:

20a. A-xi-nyikile	<i>sva-kuda</i>	<i>xi-pixi</i>	<i>mamana.</i>
1.MCS-7.MO-dar-Pass	8-comida	7-gato	1.mama
'Deu comida o gato a mama.'			
b. Dri-k-ile	<i>mati</i>	<i>jaha.</i>	
5.MCS-cartar-Pass	14-comida	5.gato	
'Cartou a água o rapaz.'			
c. Ma-phakel-ile	<i>ma-kadernu</i>	<i>ma-thixa.</i>	
6.MCS-distribuir-Pass	6.cadernos	6-professores	
'Distribuíram cadernos os professores.'			
d. Yi-trem-ile	<i>n-sinya</i>	<i>n-tombi.</i>	
9.MCS-cortar-Pass	9-árvore	9-menina	
'Cortou a árvore a menina.'			
e. Ti-svek-ile	<i>mpunga</i>	<i>ti-ntombhi.</i>	
10.MCS-cozinhar-Pass	3.arroz	10-meninas	
'Cozinharam arroz as meninas.'			
f. Va-yak-ile	<i>yindlu</i>	<i>va-vanuna.</i>	
2.MCS-construir-Pass	9.casa	2-mães	
'Construíram a casa as mães.'			
g. Svi-nyik-iw-ile	<i>m-punga</i>	<i>svi-siwana.</i>	
8.MCS-dar-Pas-Pass	3-arroz	8-pobres	
'Foram dados arroz os pobres.'			

em (21a), (22a) e (23a), as construções aparecem com os seus respectivos argumentos externos, ou seja, os sujeitos gramaticais *mpfula* ‘chuva’, *tilu* ‘céu’ e *dambu* ‘sol’. À semelhança dos exemplos até então analisados, em (21b), (22b) e (23b), constatamos que a omissão destes não impossibilita a gramaticalidade, visto que através das marcas de concordância selecionadas, é possível recuperar os argumentos externos.

Depois destas análises, passamos à última seção do artigo, onde fazemos o balanço do trabalho realizado, destacando as principais constatações.

Considerações finais

No presente artigo efectuámos a análise paramétrica do sujeito nulo na língua zronga, do grupo bantu, integrada no grupo *Tswa-Ronga* (S50), juntamente com *Xichangana* (S53) e *Citshwa* (S51), com objectivo de determinar se ela é ou não é uma língua *pro-drop*; averiguar se esta língua possui uma morfologia verbal capaz de permitir a interpretação de sujeitos expletivos e explicitar o comportamento dos seus verbos climáticos em relação ao parâmetro em estudo. Como referimos, a aqui avançada esteve ancorada na Teoria de Princípios e Parâmetros, proposto por Chomsky (1981).

O alcance dos objectivos desta pesquisa exigiu a revisão da literatura e a recolha de um *corpus* que pudesse suportar as análises, através de um questionário estruturado, administrado a um universo de 20 falantes nativos das 4 variantes dialectais da língua zronga, designadamente: *xizingili* (*xiputsru*); *xikalanga* (*xilwandle*); *xinondzrwana* e *xihlanganu*.

De uma forma resumida, o trabalho realizado mostra que zronga é uma LSN parcial, graças ao seu paradigma flexional complexo, que permite a interpretação de sujeitos expletivos, em todos os contextos, conforme vimos nos Quadros 2 e 3. Na verdade, mesmo no contexto em que o sujeito gramatical não esteja foneticamente realizado, é possível identificá-lo, através das desinências verbais. Este fenómeno também se verifica nos verbos climáticos.

Considerando que a análise aqui avançada ainda é preliminar, nos futuros trabalhos gostaríamos de aprofundar o estudo do parâmetro *pro-drop*, abordando outros aspectos atinentes a este, como por exemplo, os casos orações encaixadas e a violação do filtro *that-t*.

IS ZRONGA A PRO-DROP LANGUAGE?

Abstract: In this article whose title is “Is Zronga a pro-drop language?”, we make a parametric analysis of the null subject of this Bantu language, integrated in the *Tswa-Ronga* group (S50), together with *Xichangana* (S53) and *Citshwa* (S51), with the objective of determining, based on empirical evidence, whether or not Zronga is a pro-drop language; verify if the language under study has a verbal morphology capable of allowing the interpretation of expletive subjects and explain the behavior of climatic

verbs in relation to the parameter of the null subject. Theoretically, data analysis is anchored in the Theory of Principles and Parameters, proposed by Chomsky (1981). Originally, the language under study is spoken in the southern part of Mozambique, specifically in Maputo Province and Maputo City, by 58,486 people. Briefly, the analysis of data collected through a structured questionnaire written and administered to 20 native speakers of the 4 variants of the Zronga language suggests that this language fits into the pro-drop group of languages. This conclusion is justified by the fact that its verbal morphological paradigm is diversified, which allows the interpretation of expletive subjects in all contexts.

Keywords: Subject; Zronga language; Pro-drop languages.

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CANONICI, Noverino. *A manual of comparative Bantu languages*. Durban: University of Natal, 1991.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CONCEIÇÃO, M. da. A brief look at sociolinguistics of Xirhonga and other languages spoken in Mozambique. In: HARGUS, S.; CONCEIÇÃO, M. da (ed.). *Xirhonga linguistics*. 1999. p. 9-30.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DEUS, Sofia. O tétum-díli como língua não-pro-drop: na senda do caboverdiano. *Textos seleccionados. XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 2011. p. 226-241.
- DIMANDE, Ernesto; CHIMBUTANE, Feliciano. Reexaminando o prefixo nominal da classe 5 na língua ronga. *Domínios de Lingu@gem*, v. 16, n. 2, p. 870-899, 2022.
- DUARTE, M. Lamoglia. A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. 1995. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, M. Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (ed.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campina: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.
- HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T. et al. *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge University Press, 2009.
- KANTHACK, Gessilene Silveira. *Letras vernáculas: sintaxe da língua portuguesa*. Santa Cruz: Universidade Estadual de Santa Cruz, Santa Cruz, 2011.

- KATAMBA, Francis. Bantu nominal morphology. In: NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard (ed.). *The Bantu languages*. London: Routledge Taylor & Francis Group, 2003. p. 103-120.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARINS, Juliana Esposito. *O parâmetro de sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. 2009. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- MCHOMBO, Sam. *The syntax of Chichewa*. Cambridge University Press, 2004.
- NGUNGA, Armindo et al. (ed.). *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do IV seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2023.
- NGUNGA, Armindo. *Introdução à linguística bantu*. 2. ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.
- NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo (ed.). *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2011.
- QUAREZEMIN, Sandra. A focalização do sujeito e a inversão livre no português brasileiro. *Estudos Lingüísticos XXXV*, Santa Catarina, p. 1.793-1.801, 2006.
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo. O estado da arte dos estudos sobre sujeitos nulos, posições de sujeito e marcas flexionais. *Gramática Gerativa: celebrando os 60 anos de Syntactic Structures (1937-2017)*, v. 13, n. 2, p. 191-211, 2017.
- SITOE, Bento; MAHUMANE, Narciso; LANGA, Pércida. *Dicionário xirhonga-português*. Maputo: Texto Editores, 2008.
- SITOE, Bento; NGUNGA, Armindo (org.). *Relatório do II seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas*. Maputo: NELIMO, 2003.
- SOARES DA SILVA, Humberto. O parâmetro do sujeito nulo no português e no espanhol. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, p. 45-62, 2007.
- VAN DE VELDE, Mark. Nominal morphology and syntax. In: NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard (ed.). *The Bantu languages*. 2. ed. London: Routledge, 2019. p. 237-269.
- VILLARINHO, Clara N. Gonçalves. Sujeito nulo no português brasileiro: elementos para sua análise a partir de situações experimentais. In: VILLARINHO, Clara N. Gonçalves. *Linguagem: teoria, análise e aplicações*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006.

ZHENG, Yi. *Aquisição do sujeito nulo por parte dos alunos chineses que adquirem português europeu como língua segunda*. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

Recebido em 30 de março de 2023

Aceito em 19 de agosto de 2023